

RESENHAS



WALTER, Bruno Eduardo Procopiuk. **Hacking e dispositivos tecnológicos: práticas de liberdade e criação de novos mundos**. Curitiba, Appris, 2021, 85p.

Hacking como modo de abertura do objeto técnico

Antonio Carlos Conceição Marques

Universidade Federal do Paraná

<https://orcid.org/0000-0001-8115-5327>

A obra “*Hacking* e dispositivos tecnológicos” nos faz compreender que um computador não é somente uma máquina que corresponde aos cliques do mouse, mas uma realidade técnica que permite estar em contato com o universo inteiro. Essa realidade tem na internet um instrumento poderoso dotado de algoritmos por meio dos quais é possível conduzir nossas condutas por um universo virtual, porém, grandioso, no qual aprendemos a participar de grupos, sorrir, odiar, amar, trabalhar, comer, acordar, dormir, entre outros. Contudo, é importante nos precavermos contra a tecnofobia, ou seja, de sentir que a internet seria uma

“encarnação do mal”. Ao contrário, a internet abre espaços para bons encontros, para conhecer os mais variados objetos técnicos e para construir uma aprendizagem por meio da experimentação.

As possibilidades que a internet nos proporciona são muitas, e isso inclui, além dos *softwares*, os *hackers*. Esse último é comentado na obra em resenha por articular e também criar condições para outras modalidades de relação com os objetos técnicos, que não aquelas que em nossa sociedade se fazem hegemônicas. O que interesse não é só o hacker, mas o *hacking* que é a própria prática da hackeação. O objetivo da obra é pensar e também problematizar e tensionar nosso modo de relação ordinário com os objetos técnicos, conspirando com os hackers modos outros de relação que ampliem o nosso grau de liberdade. Em linhas gerais, o que interessa não são somente os hackers, mas os possíveis mundos que eles carregam consigo, significa um novo pensar sobre os objetos técnicos, não mais como um simples artefato tecnológico, mas uma ferramenta eficaz para criar condições de abrir outros modos de existência. Importa saber como esses objetos nos influenciam e como podemos, através deles, tomarmos parte de um mundo em constante evolução, no qual a liberdade deve ser um dos objetivos a serem alcançados.

Aborda-se no primeiro capítulo “Para além da posição de usuário”, a questão da abertura e do fechamento dos objetos técnicos. A hackeação, enquanto abertura de um objeto técnico, participa de uma relação de poder, desestabilizando a condição de objeto técnico fechado. Como exemplo, ao se hackear um aparelho telefônico, pode-se transformá-lo para ganhar novas finalidades. O *hacking* constitui-se, assim, numa prática de abertura de objetos fechados e dá-lhes novos destinos. Tudo isso faz repensarmos nossas relações com os objetos técnicos estabelecendo outras modalidades de relação que escapem à dialética senhor-escravo. Essa relação deve ser amistosa, em que se permita ser afetado pelo objeto técnico tornando possível uma aprendizagem que não é meramente instrumental. Importante ressaltar que os objetos técnicos não são neutros, mas

têm a capacidade de gerar mudanças em nós. Por isso, esse primeiro capítulo nos faz perceber que é possível ir além da posição de usuário, ou seja, um computador não pode ser visto, apenas, como uma máquina que responde aos cliques do mouse ou as teclas digitadas, mas abre espaços para a conquista de um vasto mundo ainda desconhecido e que nós podemos lhe dar vida. Contudo, é bom refletir sobre alguns aspectos que podem ser considerados negativos sobre a prática de *hacking*, que, para muitos estudiosos, são consideradas atividades ilegais de criminosos cibernéticos que, incentivados por ganhos financeiros, coletam informações de usuários para poder explorá-los.

Num segundo momento, foi possível analisar a “Governamentalidade algorítmica”, um assunto referente a produção exponencial de dados, no qual procura-se descrever e também problematizar nossa relação tanto com o que tem sido denominado Internet das Coisas, ou seja, coloca-se em questão nossos encontros com redes de objetos técnicos heterogêneos que cumprem a finalidade de conduzir condutas por meio da coleta massiva de dados e a ação sobre ações, não raro, em tempo real. Os questionamentos constantes neste capítulo referem-se a como podemos compor com tais objetos técnicos, que não só registram dados acerca do mundo e de nossas vidas, mas também produzem saberes sobre nós: quais as práticas de liberdade podemos ter em meio às novas formas de exercício do poder?

Para tentar responder a esses questionamentos, o autor faz uma análise da coleta e do armazenamento de dados, definindo sua importância para fins de gestão de recursos, de prevenção de crimes, de otimização de processos, de segurança, de marketing e de publicidade ou para avanço do conhecimento. Dessa maneira, a capacidade de armazenamento é teoricamente ilimitada e podem ser acessados a qualquer momento e de qualquer lugar, por meio de um computador. Gilbert Simondon, em suas obras, nos convida a reconsiderarmos o modo como nos relacionamos com os objetos técnicos. Isso deixa claro que a questão não é mais somente ampliar a visibilidade dos objetos técnicos, mas começar a tomar

consciência da existência de objetos técnicos com os quais nos encontramos sem nos dar conta. Considerando a importância dessa abordagem, cumpre analisar os conceitos de governamentalidade algorítmica, assunto investigado a seguir.

Observando a “Governamentalidade algorítmica”, verificou-se a nossa relação com a Internet das Coisas (IoT), quanto o que tem sido designado como Big Data, na qual o crescente volume, variedade e velocidade da produção de dados não pode mais ser ignorado nas novas formas de exercício do poder. Constatou-se que existe uma capacidade ilimitada de dados que pode ser acessada a qualquer momento e de qualquer lugar e facilitada pelo Google, Facebook, GPS, um cartão de débito e/ou crédito, telefone ou celular. Os sensores têm um papel importante e permitem alguns objetos técnicos funcionarem de maneira automática e permitindo coletar dados acerca de nossa fisiologia e comportamento, por meio de *smartphones*, relógios, pulseiras entre outros, que possuem sensores integrados e estão permanentemente conectados, produzindo e transmitindo dados com a capacidade de transformar profundamente o mundo em que vivemos. A criação das redes sociais como o Orkut, Facebook, Twitter e o Instagram possibilitaram um relacionamento entre os usuários, especialmente com os seres técnicos bastante peculiares e que são capazes de mimetizar os comportamentos humanos. Entre os rastreadores destaca-se os *cookies* – que ainda são utilizados por vários sites, que são pequenos arquivos de texto armazenados no dispositivo do usuário e contém dados como o número de vezes que alguém acessa determinada página. A vigilância dos dados opera na internet por meio de sensores, das câmeras de videovigilância. Mesmo assim, muitos hackers levaram, e ainda levam adiante, práticas de anonimato que visam escapar às tentativas de identificação. Mais ainda, os hackers, por meio de suas práticas, têm o potencial de deslocar-nos, produzindo desvios e diferenças que podem transformar a nossa sensibilidade. Nesta linha de pensamento, hackear é tensionar as relações de poder, não só resistindo a posição estrita de usuário-consumidor oferecida e incitada pelos fabricantes de softwares, mas também, assumindo a posição do inventor.

O último capítulo foi bastante sugestivo, pois aborda “A criação de novos mundos”, na qual foi apresentada a potência criativa dos hackers que não se restringem à produção de novos objetos técnicos, mas contribuem para que as informações circulem, sem se tornarem propriedades exclusivas de alguns. Os hackers devem ser entendidos como pessoas com conhecimentos técnicos em informática e que inventam programas e desenvolvem novas formas de processamento da informação e comunicação eletrônica. Neste contexto, os hackers tiveram e ainda têm um papel de suma importância no desenvolvimento da internet, por oferecerem soluções para problemas complexos.

Ao longo da obra foi possível analisar o funcionamento dos hackers e dos objetos técnicos que têm mecanismos de poder que agem sobre nós, que uma existência hacker está longe de ser algo que está ao alcance dos aficionados em tecnologia, mas é um saber que é capaz de instalar-se no devir interior das coisas e capaz de criar novos mundos, especialmente porque eles têm contribuído de forma significativa para o aprimoramento de novas tecnologias e na exigência de produtos de melhor qualidade, como também, são capazes de descobrir falhas de segurança nos sistemas e reportar suas descobertas aos desenvolvedores. No entanto, o termo hacker tornou-se genérico e pode designar tanto os indivíduos invasores como também, os denominados “gênios da informática”. Assim, os hackers exprimem, ao mesmo tempo, admiração e repulsa. Admiração por arrancar as técnicas dos sistemas tecnológicos, libertando-as. Repulsa, por representar invasores e adolescentes propensos a ações ilícitas para demonstrarem suas capacidades. Mas, nos dias atuais, há várias empresas que procuram os hackers para implementarem sua segurança digital, especialmente quando ocorrem invasões em seus sistemas. Desse modo, o autor da obra em resenha chama a atenção que os hackers estão num campo de disputas e podem ser enquadrados como ciberterroristas e de libertários. Longe de apoiar uma dessas variáveis, o autor da obra nos estimula a lançar um novo olhar nos hackers, isto é, interessa a própria relação na qual os seres humanos e os objetos técnicos participam, são engendrados e se

transformam. Como se vê, ele vai mais além de simplesmente analisar o papel dos hackers, mas os possíveis mundos que eles carregam consigo e abertura para novas sensibilidades e modos de existência, não esquecendo que é a nossa própria liberdade que está em jogo.

Como apoio para suas teorias, o autor se vale de autores como Gilbert Simondon, Giles Deleuze e Pierre Lévy, entre outros. Simondon nos ensina a conhecer a gênese dos objetos técnicos e como não devemos nos tornar escravos desses objetos, isto é, devemos conhecer as condições para que a máquina seja avaliada, seu rendimento, seus resultados e aquilo que produz, mas jamais servir a ela. Deleuze serviu para mostrar que devemos aprender, ou seja, fazer uma espécie de seleção ou organizar o encontro entre o homem e a máquina. Em Levy é possível compreender que o computador é, realmente, uma máquina revolucionária. A opinião desses teóricos serviu para que repensemos o modo pelo qual nos relacionamos com os objetos técnicos, ou seja, há várias convergências, mas Bruno Walter complementa com suas ideias e propondo novas maneiras do relacionamento entre o homem e a máquina.

Certamente, a obra serviu para que possamos olhar um hacker como aquele que não faz só “gambiarra” como se diz no Brasil, mas uma pessoa criativa que busca novos mundos e abre-se para novas percepções. Verificou-se que um *hacking* não é uma garantia de aumento dos graus de liberdade, nem também uma alienação, mas uma nova experiência que, nesse mundo dos objetos técnicos, é um novo espaço que pode muito bem ser explorado, e que, acredita-se, vai trazer mais criatividade para todos. Em linhas gerais Bruno Walter no final da obra deixou claro que não é o dono da verdade, mas uma pessoa que convida o leitor a fazer o seu caminho na experimentação e na abertura ao inusitado.

Recebido 08/10/2021

Aprovado 28/03/2021

Licença CC BY-NC 4.0

